

O consumo de smartphones entre jovens no ambiente escolar¹

PEREIRA, Camila Rodrigues²

SILVA, Sandra Rubia³

Universidade Federal de Santa Maria/ Rio Grande do Sul

Resumo: O presente trabalho consiste em uma pesquisa de inspiração etnográfica que busca analisar o consumo de smartphones entre jovens de camadas populares da cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Observamos as diferentes apropriações que os adolescentes fazem do smartphone dentro da escola e identificamos a relevância do uso dos dispositivos móveis na vida dos jovens de classe popular. A amostra da pesquisa é composta por dezesseis jovens com idades entre doze e quinze anos e dois professores da escola na qual os adolescentes estudam. Esses jovens são estudantes de uma escola estadual de ensino fundamental da cidade de Santa Maria e cursam a sétima e a oitava série. O artigo divide-se em cinco seções: na primeira, pensamos o consumo como uma prática profundamente atravessada pela cultura; a seguir, discutimos o consumo como prática cultural entre os jovens. Na terceira seção, buscamos o diálogo com autores sobre a questão do uso dos celulares nas escolas. Na quarta seção, apresentamos os resultados de pesquisa e, por fim, trazemos nossas considerações finais.

Palavras-chave: Mídia Digital; Consumo; Smartphone; Jovens; Escola.

Introdução

Os números que cercam o consumo de telefones celulares são impressionantes. A partir de sua disseminação, nos anos 1990, as estatísticas indicam que existem atualmente no mundo mais de seis bilhões de telefones celulares (TELECO, 2013). A pujança de tais números já justificaria, por si só, a importância de seu estudo por parte da academia. Entretanto, os telefones celulares têm recebido, até o momento, relativamente pouca atenção como objeto de estudo e pesquisa, muito embora as estatísticas indiquem que são a tecnologia de mais rápida disseminação na história da humanidade (CASTELLS ET AL, 2007). Nesse sentido, lançamos aqui um olhar sobre o consumo de smartphones entre jovens de camadas populares da cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Observamos as diferentes apropriações que os

¹ Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Digital integrante do 5º Encontro Regional Sul de História da Mídia – ALCAR Sul 2014.

² Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal de Santa Maria – RS. E-mail: rp_camila@hotmail.com.

³ Mestre em Comunicação e Informação (UFRGS) e Doutora em Antropologia Social (UFSC). Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM – Universidade Federal de Santa Maria e líder do grupo de pesquisa “Consumo, Culturas Digitais e Materialidades da Comunicação”. E-mail: sandraxrubia@gmail.com.



adolescentes fazem do smartphone dentro da escola e identificamos a relevância do uso dos dispositivos móveis na vida dos jovens de classe popular.

No que concerne ao seu uso entre jovens no ambiente escolar, os telefones celulares em sala de aula têm se revelado um assunto cercado de debates e disputas, como discute Silva (2013). De uma forma geral, suscitam desconfiança nos professores e incentivam a normatização de seu uso. Considerados aparelhos que distraem a atenção do aluno e interrompem o curso das aulas, seus portadores são orientados a mantê-los desligados. A fim de mapear e discutir as práticas que envolvem o consumo de telefones celulares entre jovens estudantes de uma escola pública, utilizamos aqui uma metodologia de inspiração etnográfica. O método denominado “inspiração” etnográfica se dá pelo fato de não ser uma pesquisa que segue todos os requisitos de uma etnografia tradicional, que pressupõe que o pesquisador tenha uma longa e contínua imersão junto ao grupo estudado (BARROS, 2007). Em nossa pesquisa, foram realizadas diversas visitas na escola estudada ao longo de sete meses de trabalho de campo, durante os quais convivemos com mais de cem alunos.

A amostra da pesquisa é composta por dezesseis jovens com idades entre doze e quinze anos pertencentes à classe popular e dois professores da escola na qual os adolescentes estudam. Esses jovens são estudantes de uma escola estadual de ensino fundamental da cidade de Santa Maria e cursam a sétima e a oitava série. Preservamos a verdadeira identidade dos adolescentes; os nomes que aparecem neste artigo são fictícios. O nome que usamos para representar a instituição de ensino é Vila Real. A coordenação da escola pesquisada pediu pelo anonimato, visto que o uso de celulares na escola é um assunto delicado - é proibido por lei no Rio Grande do Sul o uso de celulares em sala de aula nas escolas públicas.

O artigo divide-se em cinco seções: na primeira, argumentos em favor de se pensar o consumo como uma prática profundamente atravessada pela cultura; a seguir, relacionamos a discussão do consumo como prática cultural entre jovens que transitam entre diversas culturas digitais. Na terceira seção, buscamos o diálogo com autores sobre a questão do uso dos telefones celulares em ambiente escolar. Na quarta seção, apresentamos e discutimos os resultados de pesquisa e, na sequência, trazemos nossas considerações finais.

Consumo e cultura material

A interpretação do termo consumo é muito ampla. Ele é estudado pelas ciências sociais, pela economia, pela administração, pela comunicação, pela psicologia, e por muitas outras áreas. O que ocorre é que na maioria dos seus estudos, o consumo está relacionado à futilidade, à gastos inúteis e à escassez dos bens materiais (GARCÍA CANCLINI, 2010; MILLER, 2007). O consumo é percebido por muitos autores como uma prática prejudicial e “tende a ser visto como uma doença definhadora que se opõe a produção, a qual constrói o mundo” (MILLER, 2007, p.35).

Porém a premissa teórica deste trabalho é que sabemos que não consumimos para suprir necessidades, e sim buscamos através do consumo significados. Partimos da ideia que o consumo é sempre e em todo lugar um processo cultural (SLATER, 2002). Para Slater a cultura diz respeito a “valores que surgem do modo de vida de um povo, que dão a esse povo solidariedade e identidade e que julgam com autoridade o que é bom ou mau, real ou falso, não só na arte, mas também na vida cotidiana” (SLATER, 2002, p. 69).

O consumo atua como modo de distinção e diferenciação entre grupos e classes. O autor Pierre Bourdieu entende que indivíduos que pertencem às mesmas classes e segmentos de classes tem maior propensão a apropriar-se das materialidades de maneira semelhante. De acordo com Bourdieu (2007) os bens e os gostos marcam as diferenças sociais e as classes e o consumo acaba sendo assim como um meio de reprodução de padrões sociais. Os objetos carregam elementos de distinção e nunca são consumidos de forma indiferente.

Slater (2002) explana que a nossa vida cotidiana, nossas identidades e nossas relações sociais, são sustentadas e reproduzidas por meio das mercadorias. Os bens então não são consumidos apenas para saciar necessidades físicas. Sendo assim, grupos pertencentes a camadas populares, que possuem mais dificuldades de sobrevivência material, consomem mercadorias da mesma maneira que as outras classes, que possuem maior poder aquisitivo. O smartphone, que é o objeto de estudo dessa pesquisa, é um bem muito importante para a cultura material contemporânea. Porém vemos que o consumo de bens considerados supérfluos pelas classes populares é muito criticado. Por



ser um celular relativamente mais caro que o mais “simples”, as pessoas com menos poder aquisitivo são julgadas por comprá-lo.

Consumo, juventude e culturas digitais

Definir o significado do termo juventude é uma tarefa difícil na contemporaneidade. É possível utilizar esse termo pela definição de idade cronológica – que neste trabalho é de 12 a 18 anos⁴- e também por posições culturais e psicológicas. Segundo Kehl (2004) a juventude é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição, é uma fatia do mercado onde todos querem se incluir.

O jovem, a partir do final do século XX, deixou de ter o estereótipo de criança grande, tímida e antissocial. Esses adjetivos da adolescência foram abandonados e transformados em um modelo de liberdade e beleza para todas as outras faixas etárias. O modelo de jovem pós-moderno pode usufruir de toda a ousadia da vida de gente grande e ainda sim é resguardado da maioria das responsabilidades dos adultos (KEHL, 2004).

Para Rocha e Pereira (2009) há, pelo menos, duas formas de compreender a noção de juventude. Primeiramente, é a forma que parte das diferenças que a compõe e se apresenta através de movimentos culturais e sociais que abrangem um espaço significativo no campo da vida social moderno-contemporânea. E a segunda noção, trata a juventude como um fenômeno social, que é reflexo e produto do imaginário coletivo.

Trazemos também para este artigo um termo que Castro (2012) utiliza para caracterizar o jovem da atualidade, que se divide em ser receptor, produtor, fã e consumidor em uma interação com múltiplas telas: os *screenagers*. Em sua pesquisa com jovens, Castro (2012) percebeu a forte presença das telas de TV, computadores, jogos, celulares e *tablets* que funcionavam como próteses sensoriais e identitárias. Em sua análise a autora destaca o embaralhamento de fronteiras entre trabalho e lazer, ócio e tempo produtivo. Essa é uma preocupação de muitos professores da escola onde o presente trabalho foi realizado. Até que ponto o jovem hoje sabe separar a hora de

⁴ Neste trabalho a pesquisa foi realizada com jovens adolescentes, que segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, possuem de 12 a 18 anos de idade. Disponível em: <<http://teen.ibge.gov.br/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente>> Acesso em: 16 jun. 2013.



estudar da hora de olhar a rede social através do *smartphone*?

De acordo com Ling (2004) o telefone móvel proporciona uma sensação de segurança e de coordenação da vida cotidiana, fatores muito almejados pelos adolescentes. A forma como os jovens aderem e se apropriam da tecnologia e da telefonia móvel além de proporcionar um maior controle e segurança para os mesmos, contribui para a construção de sua própria cultura por meio da diferenciação dos adultos, principalmente dos seus pais (CASTELLS ET AL, 2007).

Concordamos com Castro (2012) quando afirma que não basta ter acesso a um computador, celular e internet, sem conhecer suas lógicas e dominar os seus usos para uma interação de qualidade com os novos meios; pois assim como em outras instâncias, a educação é fundamental. Os adolescentes são capazes de produzir conteúdo e de aprender muito com seu *smartphone* e na internet, porém ele precisa ser “guiado e estimulado por uma educação de qualidade que interaja criticamente com esse novo cenário digital” (CASTRO, 2012, p.73).

Celulares e smartphones nas escolas

A relação entre os celulares e o ambiente escolar gera uma infindável discussão. Muitos professores acreditam que na essência do aprendizado na escola a atenção do aluno deve estar integralmente voltada ao aprendizado passado pelos educadores, e que o uso do celular desvia esse objetivo. Um projeto de lei⁵ que visa vetar o uso dos celulares nas escolas públicas de todo Brasil afirma que o uso do dispositivo móvel no espaço escolar compromete o desenvolvimento e a concentração dos alunos e que os professores não podem competir com torpedos, *games* e o acesso à internet.

No estado do Rio Grande do Sul existe uma lei⁶, publicada em 2008, a qual proíbe a utilização de celulares dentro das salas de aula nos estabelecimentos de ensino

⁵ Projeto de Lei nº 2.246-A, de 2007. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=517286&filename=Avulso+PL+2246/2007> Acesso em: 04 out. 2013. Entretanto, esse não é o único projeto proposto. Encontra-se em tramitação na Câmara dos Deputados o projeto de lei 2806/2011, que prevê a proibição não somente de telefones celulares, mas de qualquer aparelho portátil eletrônico em todas as escolas brasileiras e em todos os níveis de ensino (ANTONIO, 2012).

⁶ Lei nº 12.884, de 03 de janeiro de 2008. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXT0&Hid_TodasNormas=51313&hTexto=&Hid_IDNorma=51313> Acesso em: 04 out. 2013.



do estado. Devido a esses fatores iremos apenas refletir sobre os celulares e a educação, não cabe a nós irmos contra ou a favor do uso dos celulares na escola.

Josgrilberg (2007) é um autor que entende que nas novas relações sociais, a educação e o acesso à tecnologia devem andar de mãos dadas. Para Josgrilberg a capacidade de “aprender a aprender” deveria ser uma das competências básicas ensinadas no período escolar. Os alunos deveriam aprender a receber as informações e selecionar o que é bom ou não, já que hoje em dia somos bombardeados de conteúdo e também os encontramos em qualquer parte.

O papel do educador, por mais que sem incentivo político e econômico, é fundamental para os jovens aprenderem a articular todos os conteúdos que encontram conectados. Josgrilberg (2007) defende que a rede por si só não é capaz de alimentar o processo educativo, os professores são essenciais para completar esse ensino. O ideal seria que as escolas adotassem as novas formas de expressão comunicativa e conseguissem aliar as tecnologias com o processo educativo.

De acordo com Silva (2013) hoje no nosso país existem iniciativas independentes que trabalham com a utilização de aparelhos celulares na educação pedagógica formal; porém grande parte desses projetos não são consolidados, são criados e mantidos através de iniciativas individuais de educadores. Em seu texto, Silva argumenta que, tanto no Brasil quanto no Exterior, parece haver um consenso entre os educadores e especialistas interessados no uso de tecnologias móveis que a escola, enquanto contexto formal das práticas educacionais, não somente evolui infinitamente mais devagar do que o setor de tecnologia, mas também aceita com dificuldade a inserção das tecnologias de comunicação e informação nas práticas pedagógicas formais (TRUCANO, 2011; SOARES, 2007; ANTONIO, 2012). A verdade é que o uso de telefones celulares na educação, mesmo no Exterior, é um tópico de discussão bastante recente. Michael Trucano, um especialista no assunto e consultor do Banco Mundial, afirma que a resistência está diminuindo, mas mesmo há pouco tempo – entre três e quatro anos atrás - encontrava pouco apoio quando tentava iniciar discussões com representantes de ministérios da educação de diversos países sobre o uso potencial dos telefones celulares na educação. E quando tal assunto era discutido, geralmente a conversa centrava-se em como bani-los das escolas (TRUCANO, 2011).



As possibilidades de apropriação do smartphone nas práticas pedagógicas também se tornam cada vez mais reais na medida em que o acesso à internet através dos dispositivos móveis está se disseminando (Silva, 2013). Através de aplicativos, nativos ou adquiridos através de lojas *on-line*, e da internet, o usuário do smartphone pode realizar trabalhos pedagógicos quase da mesma maneira que realizaria no computador. Nos celulares modernos podemos ter o *Word*, o *Power Point*, o *Excel*, acessar o *Google Docs* e outras ferramentas que nos permitem escrever e realizar trabalhos.

Por fim, vale a pena refletirmos sobre o papel dos telefones celulares na vida dos jovens e o quanto eles podem ser aproveitados para a educação. Se valorizarmos as formas de expressão e os saberes dos sujeitos do processo educativo (SILVA, 2013) e aliarmos ao real potencial instrutivo dos dispositivos móveis, poderemos transformar a educação e expandir saberes.

Consumo de smartphones no ambiente escolar

A escola onde se encontram os jovens pesquisados conta hoje com 137 alunos matriculados na sétima e na oitava série. Todos os jovens foram observados, dezesseis foram entrevistados, e seis se tornaram nossos informantes privilegiados. Com esses seis principais informantes não mantivemos apenas contato nos intervalos escolares, nos tornamos amigos no *Facebook* e conversamos constantemente. Dois professores da escola também foram entrevistados, esses possuem um contato direto com os adolescentes de classe popular.

Essa análise é importante para pensarmos a respeito da relação entre professores e alunos e de que forma as novas tecnologias estão sendo vistas e usadas nas escolas. Não temos como desassociar os jovens do ambiente escolar. Desde pequenos eles entram no colégio e lá permanecem por anos, até quase a fase adulta de sua vida. Toda a adolescência de um indivíduo é marcada na escola, muitas de suas amizades são feitas lá e boa parte de sua identidade é formada nesse período.

Primeiramente, questionamos nossos informantes sobre os usos que fazem do celular na escola e os serviços que mais utilizam. Perguntamos também o motivo do aluno trazer seu dispositivo móvel para o ambiente escolar e se já foram flagrados usando o aparelho em sala de aula, porque como citado anteriormente, o uso do celular

em sala de aula é proibido por lei estadual. Por fim perguntamos sobre o que eles pensam da apropriação de celulares na escola.

Todos os jovens se mostraram conscientes sobre a lei que proíbe o uso de celular na sala de aula. Alguns comentaram que mesmo assim, usam de vez em quando, para olhar as horas e resolver cálculos matemáticos. Outros ainda contaram histórias de colegas e amigos que utilizam o smartphone durante a aula para enviar torpedos e entrar nas redes sociais, mas quase todos se posicionaram contra essas atitudes. Sobre os usos e serviços mais utilizados, os serviços básicos como relógio e calculadora foram colocados em primeiro lugar.

Na hora do intervalo o uso do celular não é proibido, então grande parte dos alunos utiliza para conferir o que está acontecendo nas redes sociais. Através das observações pudemos notar que quando tocava o sinal para o intervalo, na própria porta da sala de aula os estudantes já estavam com seus celulares, colocando os fones de ouvido para escutar música, digitando uma mensagem de texto ou entrando no *Facebook* e outras redes.

Dentro da escola eu só uso o celular quando a sora de matemática pede pra usar a calculadora. Pra calculadora e relógio também. E no ônibus a caminho da escola uso pra escutar música e também entrar nas redes sociais. (Elisa- 14 anos - 7ª série)

Se eu venho pra escola sem meu celular eu fico tipo estranha, parece que eu não tenho o que fazer. Sei que na escola é proibido, mas mesmo assim eu uso. Eu não sei se sou a favor desse negócio de usar ou não usar. Mas também tem vezes que não é muito legal ficar usando ele, ficar postando fotinhas e coisinhas na aula. (Manuela – 14 anos – 8ª série)

A partir das entrevistas e das observações realizadas, concluímos que o uso dos smartphones é constante entre os adolescentes, tanto no ambiente escolar quanto em casa ou em qualquer outro lugar. As pessoas estão conectadas em todos os lugares. Podemos notar pelo uso dos computadores portáteis, telefones celulares, e também da internet e das redes sociais, que está cada vez mais evidente a importância da comunicação digital na vida em sociedade, em especial para os jovens (LING, 2004; CASTELLS ET AL, 2007).

Dos dezesseis alunos entrevistados, apenas Artur, de 15 anos, contou que já teve o seu celular confiscado pelo professor em sala de aula. Normalmente o jovem diz que



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"

utiliza o telefone para escutar música e para entrar no *Facebook* no horário do recreio. Mas em um dia em particular, o dispositivo móvel de Artur estava guardado na mochila, não estava desligado e nem no silencioso, sua mãe ligou e ele acabou tocando para todos ouvirem.

Eu já fui pego com o celular no ano passado. Mas foi uma vez só, quando alguém me telefonou no meio da aula e ele não tava no silencioso. Daí me tomaram o telefone né, mas depois a mãe veio aqui e explicou que era ela que tinha me ligado. Foi um acidente né, foi sem querer. (Artur – 15 anos – 7ª série)

No mês de setembro de 2013, quando iniciamos a segunda parte da pesquisa no campo, a coordenadora da escola comentou com tristeza sobre um fato que teria ocorrido com uma turma de oitava série. Um celular teria tocado, como acontece raramente nas aulas, porém o dono do aparelho não se apresentou; ninguém assumiu a culpa. Três informantes, Jonas, Larissa e Bárbara, comentaram sobre o ocorrido do celular que tocou em sala de aula. O fato aconteceu na turma deles e em suas falas notamos que existe certa mágoa, pois se passaram meses e nenhum colega se entregou.

Na turma aconteceu um problema com o celular, que tocou e ninguém se acusou. Mas é muito raro, porque a maioria dos alunos tem medo da coordenadora né. Na verdade nem é medo, é respeito. Daí ninguém usa o celular, ninguém quer se incomodar com ela. (Jonas – 14 anos – 8ª série)

Eu acredito que o celular serve pra ajudar as pessoas. Mas atrapalha às vezes também né, atrapalhou da última vez a minha turma. Por causa de um celular que tocou, gerou uma confusão inteira na sala de aula. (Larissa – 15 anos - 8ª série)

Teve um problema sério esses tempos, que tocou um celular. A gente soltava 10h30min e daí a gente ficou até 12h15min dentro da sala por causa do problema. E não descobriram até hoje de quem era o celular que tocou, ninguém se entregou e não descobriram até hoje quem foi. (Bárbara – 13 anos – 8ª série)

No entendimento de Ling (2004) a comunicação através do telefone móvel pode ser encarada por muitos jovens como sendo quase ilícita. Fazer ligações no período de aula, enviar SMS quando o professor não está olhando, ou mesmo enviar mensagens na madrugada para conversar com outro adolescente, são atitudes que instigam os adolescentes.



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"

A escola Vila Real possui também um jornal e uma rádio. Ela é coordenada pelo professor Antônio e são os alunos que escrevem as matérias, vão atrás das reportagens, fotos e assuntos para artigos. Foi interessante observar que em todos os eventos da escola, os alunos do jornal estão presentes com seus smartphones, tirando fotos, filmando, fazendo uma verdadeira cobertura.

Melinda e mais dezessete alunos formam a equipe do jornal e da rádio escolar. Ela conta que utiliza mais o seu smartphone para o trabalho e para a comunicação.

O celular representa um meio de trabalho pra mim. Porque eu uso muito pra cobrir os eventos da rádio e do jornal. No trabalho funciona assim: é um grupinho de pessoas com o gravador do celular ligado e vai entrevistando. Gravamos entrevistas, tiramos fotos, fazemos de tudo, depois é só passar pelo USB para o computador. (Melinda - 14 anos – 8ª série)

Além dos dezesseis jovens, entrevistamos ainda dois professores da escola. A professora Ana Helena, que além de professora de Física e Ciências é coordenadora da escola, e o professor Antônio, que coordena a rádio e o jornal, e leciona as disciplinas de História e Relações Humanas. Antônio não é a favor da lei estadual que proíbe o uso dos celulares nas escolas. Ele acredita que os dispositivos móveis são ferramentas que se bem usadas, só tem a contribuir para a educação dos alunos.

O pensamento do professor vai ao encontro das afirmações de Josgrilberg (2007). O autor entende que nas novas relações, a educação e o acesso à tecnologia devem andar juntos. Para Josgrilberg (2007) os alunos deveriam aprender no ensino básico a receber as informações e selecionar o que é bom ou não.

[...] infelizmente existe uma lei estadual que proíbe o uso do celular na escola. Eu vejo o celular como uma ferramenta, não como algo que atrapalhe a vida do estudante. Mas infelizmente essa lei faz com que as escolas pisem em cima do celular, faz com que o celular se torne um bandido. Eu acho que ele é um instrumento que tem muito a contribuir, se ele for bem usado. (Professor Antônio)

O ensinamento de um educador é crucial para que crianças e adolescentes aprendam a articular todos os conteúdos que encontram na internet. De acordo com Josgrilberg (2007) a rede por si só não é capaz de suprir o processo educativo, os docentes são fundamentais para concluir esse ensino. O professor Antônio, ainda de acordo com o pensamento de Josgrilberg, diz em sua entrevista que gostaria que os



alunos usassem o celular e a internet *Wi-fi* da escola para atividades dentro de sala de aula. Ele reflete que professores e estudantes na verdade tem medo das novas tecnologias e dos celulares.

Em certos momentos por que não usar o celular? Um dia um professor poderia lançar a ideia: atenção todo mundo com o seu celular aí, pesquisem agora no seu aparelho tal coisa. Legal né? Ninguém nunca fez isso. Porque todo mundo, professores e alunos, tem medo de celular. [...] Eu acho que se nós separarmos o celular e a internet, que hoje casam né, a gente vai colocar, a internet como o maior invento dos últimos 100 anos. E o celular como o segundo. (Professor Antônio)

A professora Ana Helena tem um pensamento bem diferente de Antônio. Ela defende a lei que proíbe os celulares em sala de aula e acredita que os educadores hoje não tem como competir com a *timeline* do *Facebook*. Para ela os jovens estão usando os celulares para entrar nas redes sociais, para se comunicar e se inserir. Ana Helena considera que hoje os professores precisam lidar com os fatos que ocorrem dentro e fora da sala de aula.

Entretanto a professora acha positivo o uso das redes sociais para aproximar os professores dos alunos. A educadora aceita todos os jovens em seu perfil pessoal do *Facebook* e pensa que a internet é capaz de melhorar os vínculos entre os docentes e discentes.

Tem professores que não aceitam os alunos nas redes sociais, eu aceito. Lá tu conhece o perfil do teu aluno, tu percebe muitas coisas que na sala de aula tu não vê, e também te dá um vínculo maior com eles. [...] Eu acho que tem coisas muito positivas. Mas também tem o outro lado. A gente tem que lidar com o que está acontecendo dentro e fora da sala de aula. De repente a gente da uma aula que não é tão atraente, porque realmente não é, e temos que lidar com o que tá acontecendo lá na rede social [...] (Professora Ana Helena)

Em seus depoimentos Ana Helena confessa ter receio sobre a quantidade de informação a qual os jovens são expostos hoje. Ela conclui que essa geração de jovens, que nasceu com as tecnologias, é muito diferente da dela, e que não temos como saber se esse excesso de conhecimento vai ser positivo ou negativo para o futuro dos adolescentes. Turkle (2012) entende que estamos apaixonados pela tecnologia, pois crescemos com aparatos tecnológicos e vimos como tudo avançou. Mas a autora lembra que toda essa tecnologia ainda está na sua infância e que precisamos de bastante tempo



para aprender a usá-la corretamente.

A educadora Ana Helena acredita ainda que é dever da escola sempre direcionar o aluno para o melhor; que o ensino sobre a vida e as novas tecnologias, além das matérias básicas que os jovens possuem no ambiente escolar, às vezes é o único em toda a sua trajetória. A professora relata que muitos pais entregam o celular na mão dos filhos como se fosse um vídeo game, sem pensar no uso que eles podem fazer do artefato e as consequências e malefícios desse uso.

A gente como escola sempre procura direcionar o aluno para o melhor. Talvez a escola seja o único meio que os jovens têm de educação em relação a isso; porque a grande maioria dos pais só entrega o celular na mão deles, e não tem noção do que eles tão entregando. Dão como se fosse um vídeo game, e não é. (Professora Ana Helena)

Por fim a professora considera que a internet e o uso do celular são positivos, porém que a lei que regula os usos dessas ferramentas dentro da escola precisa existir. Ana Helena compreende que os educadores não tem como competir com os celulares ligados em sala de aula. Ela acredita também que a comunicação através das redes sociais nunca vai se igualar a uma conversa face a face. "A internet não tem o sorriso, não tem o olhar. Às vezes tu posta uma frase que pra quem lê é horrível, mas tu que postou, e pra ti não tinha nada a ver com o que a pessoa imaginou" (Professora Ana Helena).

Na visão de Turkle (2012) muitos indivíduos não sabem mais ou não gostam de ter uma conversa de verdade com outras pessoas. Ao escrevermos um SMS, um e-mail, uma postagem para a rede social, temos o poder de apresentar o nosso eu da maneira como queremos ser; nós editamos, deletamos, retocamos, não só texto, mas a nós mesmos (TURKLE, 2012). Hoje, segundo a autora, podemos retocar nosso rosto, nossa voz, nosso corpo - e não pouco ou em demasia, apenas o suficiente. Turkle (2012) conclui que as relações humanas são ricas, confusas e exigentes, e nós as limpamos com a tecnologia.

Porém existem outras posições, como a de Miller e Madianou (2012), que compreendem o estar conectado de uma maneira completamente oposta a da autora. Esses autores defendem que as atividades *on-line* não são menos autênticas ou menos



reais. Miller e Madianou (2012) veem os mundos *on-line* como constitutivos da vida moderna cotidiana, e acreditam que os dois mundos, *off-line* e *on-line*, estão cada vez mais integrados.

Com base em nossa pesquisa, observação e convivência com os jovens de classe popular usuários de smartphone, acreditamos que eles levam os fatos do colégio, da convivência diária e dos trabalhos escolares para as redes sociais, assim como os assuntos das redes, aparecem constantemente em seus discursos face a face na hora do recreio. A maior parte dos jovens não distingue mais o que é *on-line* e o que é *off-line*; para eles os dois mundos se integram e se completam.

Considerações finais

O nosso objeto de estudo, o smartphone, ganhou muito destaque no ano de 2013. Os dados de Teleco (2013) afirmam que o preço dos smartphones nesse ano caiu cerca de 25%, o que explica em parte a explosão de vendas desses aparelhos. Pudemos notar através das entrevistas a relevância que esses aparelhos têm na vida dos indivíduos, principalmente dos jovens (CASTRO, 2012; ROCHA, PEREIRA, 2009). Porém a apropriação do smartphone pelos adolescentes, como vimos, é um assunto controverso.

Percebemos que grande parte dos pais e professores tem medo do uso constante dos dispositivos móveis e acredita que o tempo que o jovem gasta no smartphone é em vão. Nesse registro, Turkle (2012) se mostra de certa forma pessimista em relação ao consumo de smartphones atualmente. A autora afirma que ao conectarmos cada vez mais, podemos acabar nos isolando das pessoas. Já estudos como os de Miller e Madianou (2012) são otimistas e defendem que as atividades *on-line* e *off-line* hoje estão cada vez mais integradas; o mundo *on-line* já faz parte da vida moderna cotidiana.

É preciso reconhecer que se tivéssemos um tempo maior para a realização do trabalho, mais adolescentes poderiam ser entrevistados. Alunos de outras escolas públicas da cidade poderiam ter sido observados e analisados, o que tornaria os dados da pesquisa mais ricos e nos possibilitaria construir outros vieses para o estudo. Futuramente, com base neste primeiro trabalho, novas pesquisas podem ser feitas, de modo que o estudo possa ser ampliado e complementado.

São raras as pesquisas que se dedicam ao estudo do consumo de smartphones



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"

nas classes populares, principalmente no Brasil e na área da comunicação. Nesse sentido, esperamos que os resultados desta e de futuras pesquisas possam contribuir para a reflexão sobre o papel do consumo das tecnologias móveis, e em especial dos smartphones, em ambientes escolares.

Referências

ANTONIO, José Carlos. TICs, telefones celulares e a escolassaura. **Professor Digital**, SBO, 30 jan. 2012. Disponível em: <<http://professordigital.wordpress.com/2012/01/30/tics-telefones-celulares-e-a-escolassaura/>>. Acesso em: 10 mai. 2012.

BARROS, Carla. **Trocas, Hierarquia E Mediação**: as dimensões culturais do consumo em um grupo de empregadas domésticas. 2007. 259 f. Tese (Doutorado em Administração) – Programa do Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei nº 2.246-A, de 2007**. Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=517286&filename=Avulso+-PL+2246/2007> Acesso em: 04 out. 2013.

CASTELLS, Manuel; FERNÁNDEZ-ARDEVOL, Mireia; QIU, Jack Linchuan; SEY, Araba. **Mobile Communication and Society**: a global perspective. Cambridge: MIT Press, 2007.

CASTRO, Gisela. **Screenagers**: entretenimento, comunicação e consumo na cultura digital. In: BARBOSA, Livia (org.). *Juventudes e Gerações no Brasil Contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e Cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

IBGE TEEN. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: <<http://teen.ibge.gov.br/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente>> Acesso em: 16 jun. 2013.

JOSGRILBERG, Fabio. **Inclusão digital, educação e desenvolvimento econômico**: alguns marcos do debate. Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 33, agosto de 2007.

KEHL, Maria Rita. 2004. **A juventude como sintoma de cultura**. In: NOVAES, R. e



50 anos do Golpe Militar de 64

"A história que a mídia faz,
conta ou não conta"

VANNUCHI, P. (Org.). *Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo.

LING, Rich. **The Mobile Connection: the cell phone's impact on society**. New York: Morgan Kaufman, 2004.

MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul/dez. 2007.

MILLER, Daniel; MADIANO, Mirca. Deve-se aceitar uma solicitação de amizade da própria mãe? E outros dilemas filipinos. In: RIAL, Carmen; SILVA, Sandra Rubia; SOUZA, Angela Maria. **Consumo e cultura material: perspectivas etnográficas**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2012.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 12.884, de 03 de janeiro de 2008**. Publicada no DOE nº 003, de 04 de janeiro de 2008. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXT0&Hid_TodasNormas=51313&hTexto=&Hid_IDNorma=51313> Acesso em: 04 out. 2013.

ROCHA, Everardo; PEREIRA, Cláudia. Os *gadgets* e a experiência adolescente. In: **Juventude e Consumo: um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

SILVA, Sandra Rubia. **Telefones celulares e a educação para a cidadania**. Trabalho apresentado no GT História da Mídia Digital, no 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013.

SLATER, Don. **Cultura de Consumo & Modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. A mediação tecnológica nos espaços educativos: uma perspectiva educacional. **Comunicação & Educação**, São Paulo, ECA/USP-Edições Paulinas, ano XII, nr. 1, jan/abril 2007, pp. 31-40.

TELECO. **Inteligência em Telecomunicações**, 2013. Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/>> Acesso em: junho 2013.

TRUCANO, Michael. Mobile learning in developing countries in 2011: What's new, what's next? **Edutech**, 16 fev. 2011b. Disponível em: <<http://blogs.worldbank.org/edutech/mllearning2011-whatsnew>> Acesso em: 11 mai. 2013.

TURKLE, Sherry. **Conectado, mas só?** Ted Talks, 2012. Disponível em: <http://www.ted.com/talks/sherry_turkle_alone_together.html> Acesso em: 13 out. 2013.